



***Semel in vita*: considerações sobre a brevidade do projeto fundacionalista cartesiano**

Ana Cláudia Teodoro Sousa*

Resumo: O objetivo desse trabalho é explorar a perenidade e o significado da expressão *semel in vita* para a filosofia de Descartes. Por meio de uma análise minuciosa de todas as ocorrências dessa formulação dentro do *corpus* cartesiano, busca-se evidenciar que *semel in vita* é um recurso retórico relevante que está vinculado ao momento decisivo da filosofia cartesiana de realizar uma reestruturação do conhecimento a partir da investigação radical e preliminar sobre o escopo do entendimento humano. É concluído, dessa forma, que a estratégia cartesiana de reformulação científica, desde a sua juventude, depende de um inquérito sobre o entendimento puro, mas que este inquérito deve ser realizado e acabado, já que fornece os recursos para seguir em investigações ulteriores.

Palavras-Chave: Descartes; Conhecimento; Metafísica; Fundacionalismo.

***Semel in vita*: considerations on the brevity of the Cartesian foundational project**

Abstract: The objective of this work is to explore the perennality and meaning of the expression *semel in vita* for the philosophy of Descartes. Through a carefully analysis of all occurrences of this formulation within the Cartesian *corpus*, this work seeks to show that *semel in vita* is a relevant rhetorical resource that is linked to the decisive moment of Cartesian philosophy to carry out a restructuring of knowledge starting from the radical and preliminary investigation on the scope of human understanding. It is thus concluded that the Cartesian strategy of scientific reformulation, from its youth, depends on an inquiry into pure understanding, but that this inquiry must be carried out and finished, since it provides the resources to follow in further investigations.

Key-words: Descartes; Knowledge; Metaphysics; Foundationalism.

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: teodoro.claudia.ana@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4055132504359228>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2187-6725>.

***Semel in vita*: considérations sur la brièveté du projet fondamentaliste cartésien**

Résumé: Le but de ce travail est d'explorer la pérennité et la signification de l'expression *semel in vita* pour la philosophie de Descartes. Au moyen d'une analyse approfondie de toutes les occurrences de cette formulation dans le *corpus* cartésien, on cherche à mettre en évidence que *semel in vita* est une ressource rhétorique importante qui est liée au moment décisif de la philosophie cartésienne de réaliser une restructuration de la connaissance à partir de la recherche radicale et préliminaire sur l'étendue de la compréhension humaine. Il est donc conclu que la stratégie cartésienne de refonte scientifique, dès son plus jeune âge, dépend d'une enquête sur l'entendement pure, mais que cette enquête doit être menée et achevée, car elle fournit des ressources pour poursuivre des recherches ultérieures.

Mots-clés: Descartes; Connaissance; Métaphysique; Fondationnalisme.

Introdução

O comprometimento de René Descartes (1596-1650) com a instauração de um sistema de conhecimento que se fundamenta em alicerces seguros é indiscutível, traço que reflete uma das características mais significativas de toda a filosofia moderna. Assim, frente à importância do conteúdo da parte IV do *Discurso do Método* (2018)¹ e das *Meditações sobre Filosofia Primeira* (2004)², pode parecer enigmático que, em junho de 1643, Descartes afirme categoricamente que utilizou como regra em todos os seus estudos ocupar somente poucas horas *por ano* sobre assuntos que se referem ao entendimento puro (AT III, p. 692-693)³, estando entre

¹ Publicado originalmente em 1637.

² Publicado originalmente em 1641.

³As passagens de Descartes utilizadas nesse trabalho que ainda não foram traduzidas para o português seguirão a edição de referência editada por Ch. Adam e P. Tannery: *Œuvres* (abreviadas como AT, seguido do número do volume em algarismos romanos e da paginação em algarismos arábicos). As passagens citadas já traduzidas serão referenciadas de acordo com a tradução da qual foram extraídas e estarão acompanhadas da sua localização em

tais assuntos a própria metafísica. Dentro dessa mesma perspectiva, chamamos atenção que em sua grande obra fundacionalista, as *Meditações*, Descartes afirma, já no primeiro parágrafo, que seu projeto, iniciado na negação de todas as crenças e opiniões tomadas por ele até ali, deveria ser realizado apenas uma vez na vida (*semel in vita*). Assim, Descartes afirma que

Faz alguns anos já, dei-me conta de que admitira desde a infância muitas coisas falsas por verdadeiras e de quão duvidoso era o que depois sobre elas construí. Era preciso, portanto, que, uma vez na vida [*semel in vita*⁴], fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara, recomeçando dos primeiros fundamentos, se desejasse estabelecer em algum momento algo firme e permanente nas ciências (DESCARTES, 2004, p. 21/ AT VII, p. 7).

Descartes está ciente da grandiosidade e complexidade de tal projeto de reconstrução científica e, portanto, adverte que este não deveria ser realizado de forma precipitada e sem recurso. Pelo contrário, mesmo já tendo a consciência da necessidade de realizar tal tarefa desde a juventude, o filósofo declara que esperou “alcançar uma idade que fosse bastante madura, que nenhuma outra se lhe seguisse mais apta a executá-la” (DESCARTES, 2004, p. 21/ AT VII, p. 7). Consequentemente, além de indicar que sua estratégia deveria ser seguida *uma vez na vida*, também recomenda que seja realizada em um momento propício e específico, em que o espírito esteja preparado, maduro e apto para realizar tamanha incumbência.

O empreendimento que será realizado no decorrer de suas *Meditações* é, de fato, essencial e muito prestigiado pela literatura. Não obstante, a expressão que escolta o anúncio do projeto fundacionalista

Œuvres. Quando necessário, traduções serão realizadas de forma autônoma, seguindo o texto da edição de referência.

⁴ A primeira edição das *Meditações* em francês – impressa em 1647, traduzida pelo Duque de Luynes e revisada por Descartes – traz ‘*une fois em ma vie*’ no lugar de ‘*semel in vita*’ (AT IX, p.13).

cartesiano não obteve a mesma notoriedade, ainda que sua importância seja facilmente identificada se nos debruçarmos sobre o *corpus* cartesiano. Primeiramente, ela não é uma formulação que o filósofo utiliza de maneira banal: afora algumas aparições em cartas⁵, *semel in vita* (ou seu correlato em francês, *une bonne fois*) aparece em apenas oito ocasiões; além disso, encontramos a expressão em todos os grandes escritos filosóficos de Descartes, publicados ou não, escritos em francês ou latim; por fim, excluindo as cartas em que a expressão aparece, todas as suas ocorrências ocupam um lugar de destaque, anunciando de forma estratégica um empreendimento que é imprescindível para alguém que busca alcançar o conhecimento.

Portanto, nesse trabalho, meu objetivo é defender que longe de ser uma expressão frívola, *semel in vita* é utilizada por Descartes como um recurso retórico carregado de significado filosófico, já que prescreve que o momento de reestruturação do conhecimento que marca o fundacionalismo cartesiano deve ocorrer de forma radical, breve e definitiva. Para tanto, acreditamos que é necessário esmiuçar a utilização da expressão *semel in vita* por Descartes dentro de seus escritos, traçando os contextos em que ela aparece e o papel que a formulação sustenta dentro desses textos. Assim, será possível determinar que mesmo levando em conta as particularidades de cada uma das obras de Descartes, *semel in vita* sempre se relaciona com um objetivo principal: a busca pelo escopo do conhecimento humano.

***Semel in vita* e o *corpus* cartesiano**

O “exemplo mais nobre de todos”: *semel in vita* nas *Regulae*

Apesar de não terem sido publicadas – e nem mesmo acabadas – por Descartes, as *Regulae ad Directionem Ingenii* formam um escrito importante para compreender as primeiras investigações matemáticas, metodológicas e filosóficas deste autor. É durante o texto das *Regulae* que

⁵ A expressão aparece em seis cartas diferentes, escritas entre 1629 e 1649. Cf.: AT I, p. 62; AT I, p. 183; AT III, p. 103; AT III, p. 161; AT IV, p. 362 e AT V, p. 461-462.

temos, provavelmente, a primeira ocorrência da expressão *semel in vita*. A formulação aparece em três ocasiões diferentes no interior da Regra VIII, esta que tem como objetivo mostrar em quais casos seguir a ordem é realmente necessário e em quais casos é somente útil. De modo geral, essa regra estabelece que em certas investigações alguns dos elementos oferecidos ao entendimento não poderão ser compreendidos pela intuição intelectual e, nesses casos, não convém dar seguimento a esse tipo de pesquisa. Descartes explica que se não formos capazes de compreender por intuição os elementos mais simples de um problema, então não é prudente seguir em tal investigação, já que esta se encontraria fora do escopo da razão humana e um trabalho desse tipo seria inevitavelmente frustrado (DESCARTES, 1999, p. 47-48/ AT X, p. 393).

Nesse sentido, o filósofo evidencia que só é adequado seguir em pesquisas sobre questões que estão abertas a nós, seres humanos de entendimento limitado, e, para tanto, é necessário “examinar todas as verdades para cujo conhecimento basta a razão humana” (DESCARTES, 1999, p. 50/ AT X, p. 395), ou seja, identificar o escopo da razão humana. Esse estudo, para Descartes,

deve ser feito uma vez na vida [*semel in vita*] por todos que se empenham seriamente em alcançar a sabedoria – seguramente encontrará, de acordo com as regras fornecidas, que nenhum conhecimento pode preceder o do entendimento, já que é dele que depende o conhecimento de tudo o mais, e não o inverso (DESCARTES, 1999, p.50-51/ AT X, p. 395).

Nessa passagem é possível verificar a primazia do sujeito cognoscente, já que é o entendimento que dá lugar a todo o conhecimento possível e, por isso, deve ser o primeiro a ser investigado. Na concepção de Descartes temos aqui o exemplo mais nobre de todos, porque sem essa investigação – que é primeira, imprescindível a todas as outras e que deve ser feita *uma vez na vida* – é inviável realizar pesquisas sem que o entendimento não se depare com elementos ininteligíveis que obscurecem a luz natural. É o conhecimento dos limites da razão humana que fornece as

bases que condicionam todos os outros conhecimentos e, portanto, o exame da própria razão humana deve ser realizado *uma vez na vida*.

No decorrer da Regra VIII essa mesma ideia retorna em outras duas ocasiões. O autor, ao determinar que é necessário que se conheça quais as vias que estão abertas aos seres humanos para que eles apreendam a verdade de forma segura, explica que

para não ficar sempre na incerteza sobre o que pode a inteligência e para que ela não trabalhe fora de propósito e ao acaso, antes de nos prepararmos para conhecer as coisas em particular, cumpre uma vez na vida [*semel in vita*] ter procurado cuidadosamente de quais conhecimentos é capaz a razão humana. Para melhor fazê-lo, entre as coisas igualmente fáceis de conhecer, é pelo que há de mais útil que sempre se deve começar a busca (DESCARTES, 1999, p. 52/ AT X, p. 396-397).

A prioridade do exame acerca do escopo da razão humana, assim, se dá não apenas em relação à hierarquia a respeito da simplicidade, que é exigido pela ordem preconizada pelo método, mas também leva em conta a utilidade da pesquisa. Desse modo sua precedência é mais uma vez atestada, inclusive porque é desta busca que se obtém os instrumentos essenciais para as pesquisas futuras. Assim, ao advertir que o exame da razão humana deve ser uma ocorrência singular, Descartes esclarece que uma vez desvelados os conhecimentos necessários para seguir em outras pesquisas, é possível avançar em investigações subsequentes e necessárias para a construção e desenvolvimento do conhecimento. De forma análoga, na última ocorrência da expressão nas *Regulae*, Descartes conclui que a investigação sobre a natureza do conhecimento e seu escopo deve ser considerada “uma vez na vida [*semel in vita*] [por] qualquer um que ame um pouco que seja a verdade, uma vez que a investigação aprofundada desse ponto encerra os verdadeiros instrumentos do saber e de todo o método” (DESCARTES, 1999, p. 54/ AT X, p. 398).

Consequentemente, é bastante claro que nas *Regulae* o que deve ser feito *uma vez na vida* é o exame do entendimento humano e seu escopo e,

igualmente, na visão de Descartes, é apenas por meio dessa pesquisa que é possível a formulação do método. Nesse ponto se torna oportuno retomar a Regra IV que estabelece que “o método é necessário para a busca da verdade” (DESCARTES 1999, p. 19/ AT X, p. 371), em que Descartes esclarece que seu próprio método só pode ser estruturado e compreendido a partir das operações intelectuais mais simples e primeiras de todas – a intuição e a dedução – que são, essencialmente, o próprio entendimento (DESCARTES, 1999, p. 20-21/ AT X, p. 372). Em outras palavras, a expressão *semel in vita* nas *Regulae* anuncia a necessidade da investigação – preliminar do espírito –, que deve ser realizada uma vez na vida e que, a partir dela, se pode encontrar os caminhos abertos para o conhecimento e, assim, seguir na procura pela verdade e alcançar “o verdadeiro conhecimento de tudo que for capaz de conhecer” (DESCARTES, 1999, p. 20/AT X, p. 372) “a ponto de nada mais ter para desejar” (DESCARTES 1999, p. 48/ AT X, p. 393). Da mesma forma, é por meio dessa investigação que se pode evitar as vias obscuras e inacessíveis ao intelecto humano, o que permite a evasão de erros e buscas infrutíferas e prejudiciais à própria razão, além de fornecer o que é necessário para o estabelecimento do método. Mais do que isso, como argumentaremos adiante, é manifesto aqui a primazia do sujeito cognoscente, o que culmina, invariavelmente, na afirmação do *cogito* nas obras da posterioridade.

Une bonne fois: o projeto do Discurso e de La Recherche de La Vérité

Dentro da redação do *Discurso* é possível encontrar a mesma expressão, agora em sua versão em francês – *une bonne fois* –, ainda dentro de uma dinâmica que anuncia um projeto singular e essencial para a filosofia cartesiana. Sabemos que na Segunda Parte da obra, Descartes narra as reflexões que o levaram a perceber que não é prudente aceitar nenhum juízo sem a devida ponderação, nem mesmo aqueles provindos da tradição e das autoridades, ainda que aceitos de modo majoritário, reflexões que o levam a optar por uma reforma de seus próprios pensamentos e crenças, afirmando que

no que diz respeito a todas as opiniões que até então eu tinha acolhido em minha crença, o que melhor poderia fazer, de uma vez por todas [*une bonne fois*], seria tentar suprimir-lhes essa confiança, afim de substituí-las, em seguida, por outras melhores, ou pelas mesmas, depois de tê-las ajustado ao nível da razão (DESCARTES, 2018, p. 77-78/AT VI, p. 13-14).

Analogamente às *Regulae*, o texto do *Discurso* desvela a existência de um encargo que deve ser realizado impreterivelmente por qualquer um que deseje se afastar de erros e preconceitos e alcançar a verdade, desenvolvendo um conhecimento certo e seguro. Não obstante, o que nas *Regulae* era o anúncio do exame do entendimento humano e de seus limites parece se desdobrar, anunciando agora a necessidade de suprimir todas as velhas crenças e opiniões recebidas ao longo da vida que não foram avaliadas diligentemente pela razão. Esse desenrolamento, entretanto, não modifica o cerne do objetivo anunciado por *semel in vita*, já que a supressão das crenças atua como artifício que permite uma reforma do conhecimento, sendo um mecanismo importante para a pesquisa de todas as verdades acessíveis ao entendimento humano.

Tal aspecto do pensamento cartesiano não está tão sublinhado no *Discurso* como acontece nas *Regulae*, porém não é de todo impenetrável. Na obra de 1637, Descartes não propõe explicitamente o exame dos limites da razão humana, mas parece substituir tal tarefa, indicando que o que deve ser realizado uma vez na vida é a supressão de crenças duvidosas e errôneas⁶. Entretanto, segue-se a essa tarefa uma característica deveras importante, isto é, que tais crenças deveriam ser julgadas apenas pela luz natural da razão: quando o filósofo aponta que as crenças antigas poderiam ser adequadas “ao nível da razão” é possível perceber que a própria razão humana é estabelecida como parâmetro do conhecimento, o que é corroborado pelo reconhecimento de suas limitações e o esclarecimento de

⁶ Como veremos mais detalhadamente adiante, a supressão de erros, que é realizada de forma cabal por meio da dúvida, desemboca diretamente na afirmação da existência do eu pensante e na consequente avaliação de suas possibilidades, ou seja, o exame do escopo do intelecto humano e, portanto, chegamos aqui ao mesmo patamar de investigação preconizado pelas *Regulae*.

que o método só pode alcançar o “conhecimento de todas as coisas das quais meu espírito fosse capaz” (DESCARTES, 2018, p. 80/ AT VI, p. 17). Portanto, é o limiar das capacidades racionais, exatamente como o exemplo “mais nobre de todos” nos adverte, que se coloca como crivo para o estabelecimento do conhecimento certo e seguro, este que substituirá as crenças e opiniões antigas, garantindo a reforma do conhecimento objetivada por Descartes

Além disso, o método do *Discurso* se assemelha à doutrina das *Regulae*, já que ele é compreendido como preliminar a qualquer investigação particular e, mais do que isso, o método continua sendo uma consequência direta do exame das possibilidades do espírito e só existe verdadeiramente a partir deste exame, corroborando assim sua primazia e anterioridade. É por esse motivo que Descartes esclarece que sua rejeição de opiniões pré-concebidas não poderia ser realizada de forma aleatória e pouco planejada, mas que era necessário empregar “bastante tempo em elaborar o projeto da obra que empreenderia e em procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas de que meu espírito fosse capaz” (DESCARTES, 2018, p. 80/ AT VI, p. 17).

Da mesma forma, o diálogo inacabado *La Recherche de La Vérité*⁷ também expõe a expressão *une bonne fois* em um lugar de destaque. O formato coloquial, pouco usual para Descartes, juntamente com a escolha pela língua vernacular em oposição ao latim são explicitados pelo autor como sendo um recurso visando a difusão de sua filosofia a um público mais

⁷ Incluímos esse diálogo inacabado aqui por dois motivos principais. O primeiro, e mais simples deles, é por também ter sido escrito em francês, como o *Discurso*, e utilizar a expressão *une bonne fois*, diferentemente dos originais de todas as outras obras comentadas aqui. Depois, escolhemos apresentar *La Recherche* nessa seção porque sua datação ainda é muito debatida, existindo bons argumentos para posicionar o diálogo entre os escritos da juventude, escrito simultaneamente às *Regulae*, como argumenta Olivo e Carraud (DESCARTES; CARRAUD & OLIVO, 2013), assim como há bons argumentos para posicioná-lo como uma obra da maturidade cartesiana, possuindo uma proximidade com as *Meditações*, como é sustentado por Borba (2015). Assim, cremos que um espaço mediano não será prejudicial e nem exigirá que determinemos uma datação para essa obra, o que foge do nosso escopo no presente trabalho.

diversificado e amplo⁸: ora, se o caminho da verdade está aberto a todos os seres humanos, então o ideal é que o maior número possível de pessoas pudesse ter acesso às vias que levassem à verdade (AT X, p. 498). A conversa é composta por três personagens e o objetivo principal é que Eudoxus, porta-voz de Descartes, conduza seus interlocutores a se livrar das antigas opiniões e crenças, se desprendendo dos preconceitos para alcançar uma ciência sólida, mostrando assim os caminhos que ele mesmo traçou e que o deixaram satisfeito em relação às suas descobertas, já que estes caminhos saciaram sua curiosidade e seu desejo pela verdade. Por isso, Eudoxus evidencia a importância do procedimento dizendo que

seria necessário que cada homem, tão cedo alcançasse um certo termo, a chamada idade do conhecimento, se decidisse uma vez na vida [*une bonne fois*] a retirar da sua fantasia todas as ideias imperfeitas que nele foram traçadas até então, e que recomeçasse tudo de bom a formar novas ideias, empregando tão bem toda a indústria de seu entendimento que, se não os conduzisse à perfeição, pelo menos não poderia culpar a fraqueza dos sentidos, nem as transgressões da natureza⁹ (AT X, p. 508, tradução nossa).

A partir desse anúncio, o diálogo, pela voz de Eudoxus, passa a apresentar argumentos que, começando pelo engano dos sentidos, paulatinamente levam à universalização da dúvida, passando pelo argumento dos sonhos e pela especulação sobre a existência de um ser poderoso e enganador (AT X, p. 510-514). Apesar da semelhança ser nítida entre o

⁸ Entretanto, frequentemente foi notado que o diálogo é interrompido assim que alcança o ponto de asserção do cogito, o que não é surpreendente, já que a afirmação do “eu penso, eu sou” exige uma ponderação extremamente interna e particular, o que não se adequaria ao formato de um diálogo (PINHEIRO, 2019, p. 297).

⁹ « (...) il faudrait aussi que chaque homme, si tôt qu’il a atteint un certain terme qu’on appelle l’âge de connaissance, se résolût une bonne fois d’ôter de sa fantaisie toutes les idées imparfaites qui y ont été tracées jusques alors, et qu’il recommençât tout de bon d’en former de nouvelles, y employant si bien toute l’industrie de son entendement, que, s’il ne les conduisait à la perfection, il n’en peut au moins rejeter la faute sur la faiblesse des sens, ni sur les dérèglements de la nature ».

processo proposto por Eudoxus e a estratégia de encontrar os primeiros princípios metafísicos das outras obras cartesianas, principalmente o *Discurso* e as *Meditações*, é também notável o quanto *La Recherche* se aproxima do conteúdo das *Regulae*: o diálogo também marca o objetivo de descobrir as vias por onde é possível elevar o conhecimento até o maior nível possível (AT X, 496), e, assim como nas *Regulae*, fica claro em *La Recherche* que ao seguir esse procedimento de se livrar das crenças e opiniões antigas, fundamentadas em princípios vulgares e duvidosos, tem-se o uso integral da razão, o que, conseqüentemente, leva ao caminho para a verdade; entretanto, se todo o entendimento for utilizado da melhor maneira possível, o que não for encontrado não poderia ser atribuído à “fraqueza dos sentidos, nem às transgressões da natureza”, mas simplesmente deve ser aceito que existem conhecimentos que não estão disponíveis ao espírito humano. Finalmente, é forçoso sublinhar que a passagem citada acima chama atenção para a decisão ativa do espírito, esta que deve ser realizada uma vez na vida, de se livrar de crenças imperfeitas e seguir, assim, na reformulação do conhecimento, este que passa, impreterivelmente, pela utilização adequada da razão, o que só pode ser realizado por meio da investigação de seus próprios recursos e instrumentos.

As Meditações e os Princípios: semel in vita e momento metafísico inaugural da filosofia cartesiana

Em 1641, quatro anos após a publicação do *Discurso*, é impresso as *Meditações sobre Filosofia Primeira*, em que encontramos provavelmente a ocorrência mais notável da formulação que nos detém neste trabalho. Prontamente, já no primeiro parágrafo da Primeira Meditação, Descartes comenta que havia observado a necessidade de derrubar todas as opiniões pré-concebidas que recebeu e consentiu desde sua infância, opiniões e crenças que se apresentavam cercadas de preconceitos e dúvidas. Por isso, o filósofo narra ter percebido que se sua intenção era alcançar a verdade e estabelecer algo de certo e indubitável nas ciências seria necessário, portanto, rejeitar todos essas antigas opiniões e crenças, *uma vez na vida*, a fim de investigar a verdade e estabelecer preceitos firmes, verdadeiros e seguros (AT VII, p. 17).

Nesse contexto, *semel in vita* é identificado majoritariamente com a necessidade de destruir todas as opiniões antigas na busca de fundamentos sólidos para as ciências com o objetivo de ultrapassar a dúvida, alcançando a verdade e, então, ter o apoio necessário para realizar a desejada reforma completa do corpo do conhecimento de sua época. A Primeira Meditação funciona, desta maneira, como o prelúdio para uma investigação metafísica minuciosa sobre os primeiros fundamentos do conhecimento. Entretanto, essa investigação se relaciona intimamente com as possibilidades da razão e o estabelecimento de seus limites: ao término da instauração da dúvida hiperbólica metodológica, Descartes afirma que seguirá negando todas as opiniões “de maneira que, se não estiver em meu poder conhecer algo verdadeiro, estará em mim pelo menos negar meu assentimento aos erros, às coisas falsas.” (DESCARTES, 2004, p.33/ AT VII, p.23). Esse adendo é significativo porque se relaciona com o procedimento que deve ser realizado *uma vez na vida* por aquele que busca conhecer a verdade descrita nas obras anteriores de Descartes: a estratégia de abandonar todas as crenças e opiniões antigas busca uma reestruturação epistemológica, mas esta reestruturação inclui, invariavelmente, o inquérito a respeito do alcance do conhecimento humano. Nas *Meditações* isso fica claro quando percebemos que o filósofo reconhece a eventualidade de um cenário em que o conhecimento da verdade não é possível, o que só é refutado quando tem-se ciência do *cogito*, o primeiro conhecimento na ordem das razões que garante que é possível conhecer algo.

Nesse sentido, qualquer investigação metafísica acerca dos primeiros princípios passa sistematicamente pelo conhecimento da razão humana e, conseqüentemente, pela determinação de suas possibilidades e limitações. A descoberta do *cogito* como primeira verdade metafísica indubitável que abre a cadeia de razões é, acima de tudo, a confirmação de que todo o conhecimento das coisas particulares depende do conhecimento da razão humana e não o contrário. Conseqüentemente, nas *Meditações* a utilização da expressão *semel in vita* corresponde integralmente ao objetivo essencial de outras aparições, deixando claro também que tal determinação de reestruturação do conhecimento e exame da razão humana deve ocorrer

de forma ímpar e breve, abrindo o caminho para pesquisas que são dependentes desta primeira investigação¹⁰.

Citamos aqui, por fim, a redação dos *Princípios da Filosofia* (1997)¹¹ que já na primeira proposição de sua primeira parte indica que é imperativo colocar todas as coisas em dúvidas, *semel in vita*, para que seja feita uma investigação da verdade de modo diligente. Na Primeira Parte dos *Princípios*, assim como nas *Meditações*, o aspecto metafísico da busca por primeiros princípios indubitáveis que fundamentam toda uma ciência segura é o que salta os olhos e, além disso, também é possível notar a referência ao uso completo da razão e como esta deve se voltar ao que é verdadeiro (AT VIII, p. 5) e acessível à sua competência, ou seja, deve-se buscar a verdade, mas apenas aquela parcela que pode ser compreendida integralmente pela razão humana. O texto dos *Princípios* diz o seguinte:

Porque fomos crianças antes de sermos homens, e porque julgamos ora bem ora mal as coisas que se nos apresentaram aos sentidos quando ainda não tínhamos completo uso da razão, há vários juízos precipitados que nos impedem agora de alcançar o conhecimento da verdade; [e de tal maneira nos tornam confiantes que] só conseguimos libertar-nos deles se tomarmos a iniciativa de duvidar, pelo menos uma vez na vida (*semel in vita*), de todas as coisas em que encontramos a mínima suspeita de incerteza (DESCARTES, 1997, p. 27/ AT VIII, p. 5).

¹⁰ A necessidade de brevidade poderia ser questionada tendo em vista a longa seção de *Objções e Respostas* anexadas ao texto das *Meditações*. A respeito dessa aparente contradição, Pinheiro (2019, p. 131) explica que “As *Respostas às Objções* que Descartes fez questão de publicar simultaneamente com as *Meditações* (*semel in vita*’, lembremos que esse era o desígnio anunciado desde as primeiras palavras do texto) são, é verdade, bastante extensas. A verborragia dos comentários cartesianos às *Objções* é, porém, apenas a contraparte da brevidade do texto principal, uma vez que ambas partilham o mesmo objetivo: é preciso encerrar ‘de uma vez por todas’ as discussões, e deixar que a plenitude de uma intuição intelectual pura e instantânea se instale de vez na mente dos leitores. Menos que um diálogo, as *Respostas* são uma tentativa – por vezes fracassada – de instaurar um silêncio que nos permitisse ouvir nosso ininterrupto monólogo interior”.

¹¹ Publicado originalmente em 1644.

A própria localização desse princípio no texto é bastante relevante para a análise que buscamos desenvolver aqui: o uso integral da razão, que tem como objetivo evitar erros e chegar à verdade, é o primeiro preceito do primeiro livro dos *Princípios da Filosofia*, todos os outros preceitos dependem dessa decisão preliminar que deve ser realizada uma vez na vida. Além disso, nessa passagem é possível notar igualmente que a decisão de duvidar se coaduna com a utilização da razão de forma integral e, conseqüentemente, com o alcance da verdade. Essa investigação, apesar de extremamente importante e primeira, sendo anterior a todas as outras investigações, não deveria tomar todo o tempo de quem procura a verdade. Pelo contrário, deve ser feita uma vez na vida e, estando realizada, pode dar lugar a pesquisas ulteriores, como é demonstrado na continuação dos *Princípios*.

A anunciação de *semel in vita*

Levando em consideração o que foi apresentado na seção anterior sobre as ocorrências de *semel in vita* (ou *une bonne fois*) nas obras de Descartes é possível iluminar a estratégia de reconstrução do conhecimento por meio da razão objetivada por Descartes, principalmente porque, como foi indicado, em todas as grandes obras cartesianas o que *semel in vita* anuncia não se modifica, mesmo que haja algumas variações que levam em conta as particularidades de cada um dos escritos de Descartes. Como vimos, *semel in vita* se relaciona reiteradamente com a rejeição de opiniões falsas, com a investigação e identificação do escopo do entendimento humano e, conseqüentemente, com o uso íntegro da razão que é o único instrumento que podemos utilizar de forma ativa para alcançar verdades e construir um sistema de conhecimento seguro.

Nesse sentido, é possível determinar que, em todas as suas variações, *semel in vita* se volta para um tópico único e principal que é a primazia da razão humana. A doutrina encontrada nas *Regulae* de que “nada se pode conhecer antes do entendimento” (DESCARTES, 1999, p.48/ AT X, p.395) é, dessa forma, perene em toda a filosofia proposta por Descartes. É claro que as *Regulae* apresentam uma tarefa de cunho estritamente

epistemológico e, portanto, tendo em vista a necessidade de uma fundamentação metafísica de sua filosofia que se orienta a partir do estabelecimento de dúvidas céticas, o ponto focal do anúncio de *semel in vita* parece mudar. Mas tal mudança é apenas ilusória. O que ocorre é que no texto do *Discurso*, de *La Recherche*, dos *Princípios* e, principalmente, das *Meditações*, a expressão *semel in vita* (ou *une bonne fois*) foi, muitas vezes, conectada apenas como o anúncio da dúvida que teria como principal objetivo eliminar preconceitos do espírito e libertar a razão do que a obscurece e, assim, o propósito de investigar o escopo da razão humana, indicado pelas *Regulae*, perde sua força.

Entretanto, ao observar atentamente o anúncio da reestruturação do conhecimento pensada por Descartes é possível notar que *semel in vita* carrega consigo o que é expresso já no texto abandonado das *Regulae*: o que deve ser realizado uma vez na vida é, principalmente e primeiramente, a investigação sobre a razão humana e seus limites. Como explica Borba, essa aparente mudança realizada por Descartes é

completamente justificável dentro do contexto de surgimento da dúvida e não diminui a importância do emprego recorrente da mesma expressão [*semel in vita*]. Mesmo porque, se desfazer das antigas opiniões não deixa de ser uma maneira de analisar (ou pelo menos de começar a analisar) todas as verdades (BORBA, 2015, p. 98).

O grande objetivo cartesiano traçado nas *Meditações* de “estabelecer em algum momento algo de firme e permanente nas ciências” depende do estabelecimento das dúvidas da Primeira Meditação na medida em que é esse processo de livramento de todos os preconceitos provindos dos sentidos e da tradição que permite ao meditador que alcance o conhecimento da sua própria razão. É o conhecimento do *cogito* que é a verdade primeira, o ponto arquimediano que permite que Descartes leve a cabo suas meditações acerca de outros pontos, como a investigação de suas ideias, a existência de Deus e a existência do mundo sensível. Dessa forma, ainda que a natureza puramente epistemológica das *Regulae* seja superada, as *Meditações* continuam corroborando que o entendimento é o primeiro

conhecimento e que todos os outros conhecimentos dependem dele. Nada poderia estar mais claro do que essa primazia da razão dentro da ordem proposta nas *Meditações*: é das ideias presentes no *cogito* que se estabelece a existência de Deus. Ainda que a existência de Deus não dependa da existência do *cogito*, o conhecimento de Deus por parte da substância pensante depende da sua relação de necessidade com seu criador.

As passagens que foram compiladas na seção anterior revelam igualmente a vinculação entre a utilização da dúvida e a necessidade de determinar a própria razão, ou seja, mostram de qual maneira a certeza do *cogito* e suas possibilidades se dá por meio da desapropriação de crenças duvidosas. Nesse sentido, gostaria de retomar a intenção de Descartes afirmada no *Discurso do Método* de se livrar de todas as opiniões antigas para que pudesse construir um sistema seguro de conhecimento, intenção que depende do exame do intelecto e seus limites, já que é a razão, em seu estado incorrupto que figura como o crivo do conhecimento: na Quarta Parte, após compilar os motivos para duvidar, Descartes conclui que a existência de si enquanto substância pensante é “o primeiro princípio da filosofia que procurava” (DESCARTES, 2018, p. 91/ AT VI, p. 32) e, enquanto primeiro princípio, é esta substância pensante que passa a ser investigada e que dá lugar a outras verdades, corroborando que o conhecimento do entendimento é anterior a todos os outros.

Portanto, é possível concluir que em todas as ocorrências de *semel in vita* dentro do *corpus* cartesiano temos a anunciação notável de reconstrução de conhecimento. E, ao esmiuçar tal anúncio, percebe-se que o primeiro passo dessa reconstrução é justamente o estabelecimento e a investigação da razão. É apenas a partir da determinação das possibilidades do intelecto humano, feito por meio da investigação de suas estruturas, que se torna possível seguir na construção de um sistema de conhecimento, já que este sistema depende da própria razão. As *Regulae* indicam que é por meio dessa investigação – primeira e iminente que deve ser realizada uma vez na vida por todos que buscam a sabedoria – que se pode evitar erros e buscas infrutíferas e prejudiciais à razão. Os escritos posteriores entendem que evitar os erros e retirar os preconceitos da mente por meio da dúvida levam-nos a conceber com maior facilidade que o primeiro conhecimento que podemos possuir é o da própria razão: o que era antes dado como certo,

i.e., a capacidade de conhecer, passa a ser posto em dúvida e, por isso, a dúvida é anterior à investigação sobre o escopo do entendimento humano. Porém, a própria dúvida não é um processo investigativo, mas destrutivo e, nesse sentido, a investigação sobre a capacidade do intelecto humano continua sendo a investigação preliminar.

Não obstante a importância e primordialidade dessa investigação, Descartes deixa claro que a pesquisa não deve se deter nela por tempo indeterminado. Pelo contrário, é uma investigação radical e trabalhosa e, por isso, deve ser realizada de forma bem-feita, em um momento específico em que a razão se mostre madura o suficiente para tanto e, tendo sido concluída, pode e deve dar lugar a outras investigações que decorrem diretamente dessa primeira busca. Ulysses Pinheiro argumenta que a “‘novidade’ do cartesianismo só poderia ser instaurada [...] como uma irrupção instantânea, sem intermediações ou procedimentos paulatinos” (PINHEIRO, 2019, p.132) e o anúncio promovido por *semel in vita* se associa intimamente com essa irrupção instantânea, já que

se é preciso investigar os fundamentos da ciência “uma vez na vida”, isso significa que a filosofia deve ser começada e terminada, que algo completo deve poder se oferecer à visão como um todo perfeito, de tal modo que o “resto do meu tempo” possa ser consagrado aos sentidos (PINHEIRO, 2019, p.239).

De maneira análoga, Alexandre Soares propõe que essa resolução emancipatória proposta por Descartes

é pontual; é no instante em que o ato da vontade, conquanto sua deliberação possa ter exigido um longo período de tempo, é efetuado pela consciência individual; o ato radical, por exemplo, de *semel in vita* rever todas as opiniões, do homem que assume inteiramente o múnus de filósofo e se propõe a formular a verdadeira Filosofia. Trata-se de um instante diferenciado, momento “atômico” que rompe com o fluxo temporal que, enquanto tal, consiste em uma determinação histórica que dificulta a busca da

verdade, é obstáculo ao pensamento autônomo (SOARES, 2008, p. 225).

Assim, o projeto fundacionalista cartesiano deve ser considerado como apenas um primeiro momento da filosofia de Descartes e não deve ser entendido como sua totalidade. Mais do que isso, para o autor das *Meditações sobre Filosofia Primeira*, o tempo empregado em tratar de questões propriamente metafísicas em que o pensamento puro é o objeto não deve ser exacerbado, mas circunscrito dentro desse instante “atômico”, o que possibilita que a grande maioria do tempo seja ocupado com “a liberação dos sentidos e descanso da mente” (AT III, p. 693).

Considerações Finais

Torna-se evidente ao considerar as citações de Borba, Pinheiro e Soares indicadas acima que um termo que desempenha um papel tão central no empreendimento de Descartes nas *Meditações* não passaria despercebido pelos estudiosos da filosofia cartesiana. Entretanto, a expressão em si mesma nunca foi tomada em primeiro plano – até onde sei –, sendo sempre considerada lateralmente. Além do mais, pouco foi dito sobre a constância de suas aparições ao longo dos escritos de Descartes. Usualmente, o que se pode encontrar na literatura é uma apreciação da expressão que se limita ao uso que Descartes faz da formulação no primeiro parágrafo das *Meditações*. É o que notamos, por exemplo, no artigo “*Semel in vita*: The Scientific Background to Descartes’ *Meditations*” (1986) de Daniel Garber. Enquanto o autor utiliza a expressão no título de seu trabalho e se pergunta por que Descartes teria indicado que o projeto de troca dos princípios epistemológicos vulgares, i.e., aristotélicos, por outros mais confiáveis deveria ser feito uma vez na vida, seu foco não se aproxima da própria expressão nem da análise de sua importância, mas se volta, na verdade, para a análise dos objetivos do projeto cartesiano como um todo. Garber argumenta que Descartes precisa realizar o trabalho vigoroso de reconstruir os fundamentos metafísicos do conhecimento, porque o filósofo quer, no

fim das contas, oferecer novos fundamentos epistemológicos que visam à refutação da ciência aristotélica e a uma reformulação de todo o saber científico¹² (GARBER, 1986, p. 91), concluindo que

É esse projeto, o destronamento dos sentidos, que desde os nossos primeiros anos governaram a nossa mente, e a elevação da razão, a legítima soberana do intelecto, que deve ser empreendido, *uma vez na vida*, para que não fiquemos presos no falso mundo que desde nossos primeiros anos imaginamos habitar¹³ (GARBER, 1986, p.108, tradução e grifos nossos).

David Cunning (2007), por outro lado, utiliza-se da formulação *semel in vita* para explorar a influência estoica na filosofia cartesiana. Assim como no trabalho de Garber, a expressão latina aparece no título do artigo de Cunning – “*Semel in vita: Descartes’ stoic view on the place of philosophy in human life*” –, porém seu significado é pouquíssimo explorado no decorrer do texto. O objetivo de Cunning é, em linhas gerais, argumentar que Descartes entende que a filosofia não é completamente adequada para o ser humano, composto essencialmente pela união entre alma e corpo. Ora, na medida em que o projeto de reconstrução epistemológica e metafísica proposto por Descartes depende, necessariamente, da separação entre alma e corpo, algo tão plástico ao ser humano, a meditação filosófica não poderia ser realizada frequentemente, mas deveria, na verdade, ser reduzida a poucas horas por ano, como

¹² A premissa de Garber é justificada principalmente pelo que Descartes relata a Mersenne numa carta datada de 28 de janeiro de 1641, em que o autor das *Meditações* confessa a seu amigo que em sua obra estão contidos todos os fundamentos de sua física, esta que é completamente oposta à física aristotélica (AT III, 297-298). Nesse sentido Garber afirma que “Descartes’ revolution in physics must begin with a revolution in epistemology” (Garber 1986, p.91).

¹³ “It is this project, the dethroning of the senses that, from our earliest years, ruled the mind, and the elevation of reason, the rightful sovereign of the intellect, which must be undertaken, once in life, lest we remain trapped in the false world we have from our earliest years imagined ourselves to inhabit”.

Descartes afirma conduzir seus estudos (AT III, p. 692-693; CUNNING, 2007, p. 169-172; p. 177). Sob tal perspectiva, Cunning afirma que a utilização de *semel in vita* ocorre dentro dos textos cartesianos justamente para marcar que as mentes humanas, que estão “incorporadas”, i.e., unidas substancialmente aos corpos, não devem se comprometer frequentemente com a filosofia, mas realizar o distanciamento entre as duas substâncias *uma vez na vida* (CUNNING, 2007, p. 176-177). Apesar de concordar em linhas gerais com essa conclusão de Cunning, sua abordagem abrange apenas os textos da maturidade em que Descartes já revela uma teoria dualista explícita, que é o caso das *Meditações* e dos *Princípios da Filosofia*, deixando de lado outras ocorrências de *semel in vita* que são relevantes para uma análise completa da intenção de Descartes, que anuncia um projeto que deveria ser realizado de uma vez por todas.

Na contramão dos dois trabalhos citados acima, a tese de Maíra Borba (2015) destaca a assiduidade de *semel in vita* no vocabulário utilizado por Descartes em suas obras, indicando que ao longo dos escritos do filósofo, o que antes anunciava a análise de todas as verdades por meio do estudo do próprio conhecimento humano, como nas *Regulae*, passa a introduzir a necessidade de abandonar todas as opiniões acolhidas até aquele momento, como no *Discurso*, nas *Meditações* e nos *Princípios*. Dessa forma, o trabalho de Borba contribui de forma muito positiva para a análise da função de *semel in vita* na filosofia cartesiana ao considerar sua importância e seu emprego em diferentes obras. Não obstante, os pareceres de Borba figuram sempre dentro do escopo compatível com sua hipótese principal – situar o diálogo inacabado *La Recherche de La Vérité* entre as obras da maturidade cartesiana. Nessa perspectiva, Borba argumenta que

a presença do termo [*semel in vita*] na *Recherche* não implica necessariamente uma proximidade com as *Regras* e reforça a ideia de que a influência exercida no *corpus* cartesiano pelas *Regras* pode ultrapassar seu lugar no tempo, alcançando até mesmo as obras do fim da vida do filósofo (BORBA, 2015, p. 98).

Dessa forma, ao argumentar em favor de sua tese e avaliar a expressão da qual nos ocupamos aqui, Borba também aponta para a influência das *Regulae* para o desenvolvimento de todo o pensamento de Descartes.

Baseado nesse panorama, meu intuito foi o de esclarecer que *semel in vita* é uma formulação que ultrapassa os domínios das *Meditações*, sendo utilizado por Descartes desde a sua juventude e que se fez presente durante toda a sua trajetória intelectual, carregando uma importância profunda que deve ser sublinhada. Além de sempre figurar em momentos decisivos da obra de Descartes, estando vinculada, dessa maneira, a uma decisão ativa de filosofar, *semel in vita* revela que o momento propriamente radical da filosofia se vincula intimamente com a investigação sobre o escopo do conhecimento humano e que esta investigação, tendo sido realizada, deve abrir espaço para outras atividades, principalmente atividades práticas que são exigidas da vida de qualquer ser humano. Assim, minha exposição tentou evidenciar que *semel in vita* atua como um fio condutor na filosofia cartesiana, indicando a importância da primazia da razão, esta que se vincula diretamente com o estabelecimento do método e da metafísica, ambos centrais para todo o pensamento de Descartes. No entanto, apesar da primazia dessa investigação, foi possível esclarecer que esse projeto não deve ocupar o tempo do pensador mais do que necessário, se limitando a algo que deve ser realizado uma vez na vida e, tendo fundamentado o conhecimento, o pensador pode e deve, assim, seguir na conduta da vida prática.

Referências

BORBA, Maira de Souza. *A Recherche de la Vérité de Descartes e as Objeções feitas às Meditações Metafísicas* – para uma abordagem sistemática do problema da datação. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A2FFV8/1/mairaborbatesefinal.pdf>. Acesso em 21 dez. 2022.

CUNNING, David. *Semel In Vita*: Descartes' Stoic View on the Place of Philosophy in Human Life. *Faith and Philosophy*: Journal of the Society of Christian Philosophers. 24 (2), 165-184. 2007. DOI: 10.5840/faithphil200724226.

DESCARTES, René. *Discurso do Método & Ensaios*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DESCARTES, René. *Œuvres*. Paris: J. Vrin. 1913.

DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

DESCARTES, René. *Regras para a Direção do Espírito*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2002.

DESCARTES, R; CARRAUD, V.; OLIVO, G. *Études du bon sens, La recherche de la vérité et autres écrits de jeunesse*. Paris: PUF, 2013..

GARBER, Daniel. *Semel in vita*: The Scientific Background to Descartes' Meditations. In: RORTY, Amélie Oksenberg. (Org.) *Essays on Descartes' Meditations*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1525/9780520907836-007>.

PINHEIRO, Ulysses. *Descartes e o ódio à escrita*. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.

SOARES, Alexandre Guimarães Tadeu de. *O Filósofo e o Autor*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

Data de registro: 23/12/2023

Data de aceite: 20/09/2023